

A estrada como destino

Primeiro foi à aventura, depois fez da aventura profissão. Gonçalo Cadilhe é um andarilho profissional. Ofício invejável, mas que, confessa-nos, o impede de viajar sem rumo ou destino certo. Das muitas viagens que fez, a favorita é sempre a que se segue.

A vida de Gonçalo Cadilhe tem sido uma sucessão de viagens. Ou talvez seja mais correcto dizer que a vida de Gonçalo Cadilhe é uma única, contínua viagem. Para o repórter e escritor (e, mais recentemente, autor de documentários televisivos), o mundo é o seu escritório. “Encadeia-se tudo”, diz-nos ao telefone dos estúdios, no Porto, onde está a preparar o seu último projecto para televisão. “Quando estou a viajar, escrevo para três ou quatro revistas, depois regresso e continuo a escrever

para umas, termino para outras. Entretanto, o documentário passa à fase de montagem, e quando estou na fase de montagem algum projecto novo há-de surgir, já começo a preparar a próxima viagem. Portanto, é um modo contínuo. Não há compartimentos estanques na minha vida.” Foi sempre assim, de algum modo. “Sempre tive uma vida muito activa e curiosa. Ou melhor”, corrige, “cheia de curiosidade.” Foi uma curiosidade aprendida na Figueira da Foz, onde

nasceu e cresceu. “Na altura, era uma cidade pequena, com vários horizontes”, lembra. “O mar, a serra, os campos do Mondego, as matas nacionais. E desde os sete anos, quando entrei para os Escuteiros, que me habituei a estar sempre à procura de novos desafios relacionados com caminhar, com viajar, com sair de casa.” Mais tarde, quando o *surf* entrou na sua vida, começou a cruzar-se com viajantes estrangeiros – americanos, europeus, australianos, sul-africanos –, para quem era normal

“DESDE OS SETE ANOS, QUANDO ENTREI PARA OS ESCUTEIROS, QUE ME HABITUEI A ESTAR SEMPRE À PROCURA DE NOVOS DESAFIOS”



tirar um ano de férias, de liberdade, entre o fim da universidade e o início da carreira. “Para mim, sempre foi muito natural pensar que viajar era direito adquirido, uma coisa normal da vida.”

Assim que começou a amearhar dinheiro, ainda como estudante de Gestão de Empresas, Gonçalo Cadilhe começou a viajar. Cedo percebeu, entretanto, que escrevendo sobre as suas experiências na estrada seria capaz de financiar a viagem seguinte. Ganhar a vida. “A minha profissão é essa: viajar e escrever sobre o que vejo em viagem.” O ofício, admite, faz dele alvo da inveja de muitos. Mas não há trabalhos perfeitos. “As minhas viagens são projectos profissionais muito cansativos, com muita responsabilidade, muito dinheiro a pesar nos meus ombros. Se alguma coisa falhar, alguém terá de prestar contas, portanto não é aquela ideia que as pessoas têm de que a viagem é leveza, é falta de responsabilidade,

De bicicleta, numa marcante viagem à China

indefinição”, conta. “A minha forma de viajar é muito estruturada, muito responsável.” Aliás, confessa o viajante, “eu tenho inveja de quem viaja como eu viajava há 20 anos atrás, sem plano determinado, deixando que fosse o destino a decidir as coisas mais interessantes”. Perguntar-lhe pelos seus lugares favoritos é pedir o impossível. Depois de percorrer o mundo inteiro, Gonçalo Cadilhe confidencia que “praticamente todos os países por onde passei me deixaram alguma coisa, o gosto de um dia voltar lá. É impossível escolher um só”. No reverso da medalha, diz, “há sítios onde nunca estive e espero nunca ir. Sítios que não me interessam absolutamente nada: o Dubai, as Seychelles – sei lá, tantos sítios: Miami, a Disneylandia”. Em contrapartida, há ainda lugares

VIAGENS DA MINHA VIDA UNISTORE



Em Parati, num momento filmado para documentário (em cima).
A escrever durante uma viagem de comboio, na Índia (em baixo).
À descoberta, na Namíbia (à direita)



desconhecidos no mapa de Gonçalo Cadilhe. Lugares, como ele diz, “que exercem um grande fascínio sobre mim. A Ásia Central, por exemplo, o Uzbequistão, aquela cidade de Samarcanda ou mesmo o Médio Oriente, que eu conheço muito mal – aquelas cidades antiquíssimas da Síria: Alepo e Damasco”. E porquê? Onde está a atracção ou a repulsa? “Cada vez mais, à



“CADA VEZ
ME INTERESSA
MAIS O SINAL
QUE UMA CULTURA
DEIXOU
NO TERRITÓRIO”

medida que vou envelhecendo – ou, se quisermos, de uma forma mais eufemística, maturando –, cada vez me interessa mais o sinal que o ser humano, nomeadamente uma cultura, uma civilização, deixou no território”, conta. “Essa relação entre homem e espaço é cada vez mais aquilo que me faz desejar estar num sítio. Claro que o Médio Oriente, que é o berço da nossa civilização, para mim

é um lugar de um fascínio incrível, por oposição a uma Disneylândia ou um Dubai, paraísos artificiais e sem qualquer qualidade cultural associada a eles, que me deixam indiferente.” Não se trata de pôr o pé no maior número de países possível – viajar não é coleccionar carimbos no passaporte. “Interessa-me mais ir quatro, cinco, dez vezes a Veneza ao longo dos anos do que ir apenas

uma vez a Veneza e depois ir outra vez às Seychelles e outra a Miami e outra ao Dubai.” O que procura é outra coisa. “Interessa-me conhecer pessoas, interessa-me essa relação do português europeu com o Outro, mas também me interessa que haja um substracto cultural denso nessa relação.”

A atitude do viajante é o que define, não apenas a viagem, mas a própria vida. E, às vezes, mais do que procurar afinidades culturais, o gozo está em aprender as diferenças. A título de exemplo, ocorre a Gonçalo a comparação entre a Rússia – país com raízes culturais muito mais próximas das europeias – e a Indonésia. “Na Indonésia, onde



“ESTOU SEMPRE BEM ONDE ESTOU E SEMPRE A DESEJAR ESTAR NOUTRO LADO”

não há nada que me faça sentir culturalmente ligado ao destino, há uma simpatia natural no povo que os russos não têm. Nem depois de três garrafas de vodka eles sabem abrir o coração!” Dito de outro modo, “a parte das referências culturais perde a sua importância quando entra um sorriso na equação”.

À procura desses sorrisos, dessas descobertas, Gonçalo Cadilhe pensa permanentemente no próximo destino. Infelizmente, admite, as viagens sonhadas à Ásia Central ou ao Médio Oriente continuarão à espera: não prevê um projecto profissional que lhe dê o pretexto para lá ir – lá está, o trabalho e as suas desilusões. O viajante desdramatiza.



“Estou em paz com as minhas limitações de destinos”, garante. “Porque tenho essa noção: é-nos dada apenas uma vida para viver. O tempo não chega para tudo. Portanto, aquilo que se atravessar no meu caminho e que eu conseguir alcançar,

muito bem. O que ficar de fora...” Fica a frase em suspenso, a viagem em suspenso. No final da conversa, Gonçalo faz esta síntese: “Eu estou sempre bem onde estou e sempre a desejar estar noutro lado. Sou um bocadinho como aquela canção: só



Com um dos seus livros, *Tournée*. A surfar no México (página da esquerda). Em Katmandu (em cima), e em El Salvador (ao lado)

estou onde não quero estar. Estou aqui e gostava de estar já mais além.” No fundo, confessa, “é uma certa inquietude que me faz sentir muito confortável por estar sempre em viagem. Sempre a pensar que em breve chegarei a qualquer outro lado”.